

LINGUAGEM PEDAGÓGICA E FORMAÇÃO DO SUJEITO ESCOLAR: UMA REVISÃO CRÍTICA DA LITERATURA

PEDAGOGICAL LANGUAGE AND THE FORMATION OF THE SCHOOL SUBJECT: A CRITICAL REVIEW OF THE LITERATURE

LENGUAJE PEDAGÓGICO Y LA FORMACIÓN DEL SUJETO ESCOLAR: UNA REVISIÓN CRÍTICA DE LA LITERATURA

Ana Flávia Balbino Duarte¹
Larissa Virgínio Magalhães²
Diego Henrique Pereira³

RESUMO: Este artigo analisa os efeitos da linguagem pedagógica na constituição da identidade do sujeito escolar, com base em uma abordagem teórica fundamentada na Análise do Discurso e nas concepções de linguagem como prática social e histórica. A escola é compreendida como uma instituição discursiva que, para além da transmissão de conteúdos, atua na produção de subjetividades por meio de normas, classificações e expectativas que circulam em seus discursos cotidianos. A linguagem pedagógica exerce papel central nesse processo ao nomear, avaliar e posicionar os estudantes em categorias simbólicas que interferem diretamente na forma como se percebem e são percebidos: como alunos exemplares, desviantes ou críticos. Organizado em três eixos analíticos: fundamentos teóricos sobre discurso e sujeito, efeitos da linguagem pedagógica e categorias identitárias produzidas na escola, o texto problematiza como as práticas discursivas institucionais contribuem para a reprodução de desigualdades e para o silenciamento de experiências dissonantes. Ao mesmo tempo, reconhece que o discurso pode ser espaço de resistência e reinvenção subjetiva, sobretudo quando mobilizado em práticas pedagógicas críticas e inclusivas. Conclui-se que a linguagem pedagógica não é apenas instrumento de comunicação, mas também dispositivo de poder que atua na formação de identidades escolares. A análise de seus efeitos é fundamental para a construção de práticas educativas comprometidas com o reconhecimento da diversidade, com a ética da escuta e com a transformação social.

6178

Palavras-chave: Linguagem pedagógica. Sujeito escolar. Identidade estudantil. Discurso. Práticas educativas.

¹Mestranda em Educação, Conhecimento e Sociedade, Univás – Universidade do Vale do Sapucaí.

²Mestranda em Educação, Conhecimento e Sociedade Univás – Universidade do Vale do Sapucaí.

³Orientador, Univás – Universidade do Vale do Sapucaí.

ABSTRACT: This article analyzes the effects of pedagogical language on the constitution of student identity, based on a theoretical approach grounded in Discourse Analysis and in conceptions of language as a social and historical practice. The school is understood as a discursive institution that, beyond the transmission of content, plays a central role in the production of subjectivities through norms, classifications, and expectations that circulate in its everyday discourses. Pedagogical language is central in this process, as it names, evaluates, and positions students within symbolic categories that directly influence how they perceive themselves and how they are perceived: as exemplary, deviant, or critical learners. Organized into three analytical axes: theoretical foundations on discourse and subject, effects of pedagogical language, and identity categories produced in school, the text examines how institutional discursive practices contribute to the reproduction of inequalities and the silencing of dissonant experiences. At the same time, it recognizes that discourse can also serve as a space for resistance and subjective reinvention, especially when mobilized through critical and inclusive pedagogical practices. It is concluded that pedagogical language is not merely a communication tool, but also a power device that shapes school identities. Analyzing its effects is essential for the development of educational practices committed to the recognition of diversity, the ethics of listening, and social transformation.

Keywords: Pedagogical language. School subject. Student identity. Discourse. Educational practices.

RESUMEN: Este artículo analiza los efectos del lenguaje pedagógico en la constitución de la identidad del sujeto escolar, con base en un enfoque teórico fundamentado en el Análisis del Discurso y en las concepciones del lenguaje como práctica social e histórica. La escuela es comprendida como una institución discursiva que, más allá de la transmisión de contenidos, actúa en la producción de subjetividades a través de normas, clasificaciones y expectativas que circulan en sus discursos cotidianos. El lenguaje pedagógico desempeña un papel central en este proceso al nombrar, evaluar y posicionar a los estudiantes en categorías simbólicas que interfieren directamente en la forma en que se perciben y son percibidos: como alumnos ejemplares, desviados o críticos. Organizado en tres ejes analíticos: fundamentos teóricos sobre discurso y sujeto, efectos del lenguaje pedagógico y categorías identitarias producidas en la escuela, el texto problematiza cómo las prácticas discursivas institucionales contribuyen a la reproducción de desigualdades y al silenciamiento de experiencias disonantes. Al mismo tiempo, reconoce que el discurso puede ser un espacio de resistencia y de reinención subjetiva, sobre todo cuando se moviliza en prácticas pedagógicas críticas e inclusivas. Se concluye que el lenguaje pedagógico no es solo un instrumento de comunicación, sino también un dispositivo de poder que actúa en la formación de identidades escolares. El análisis de sus efectos es fundamental para la construcción de prácticas educativas comprometidas con el reconocimiento de la diversidad, con la ética de la escucha y con la transformación social.

6179

Palabras clave: Lenguaje pedagógico. Sujeto escolar. Identidad estudiantil. Discurso. Prácticas educativas.

INTRODUÇÃO

A escola, compreendida como uma instituição discursiva, atua na constituição de sujeitos que nela circulam. Mais do que espaço de socialização e transmissão de conhecimentos,

configura-se como tecnologia de poder que regula modos de ser, agir e significar-se no mundo. A linguagem pedagógica, nesse contexto, opera como prática normativa, que produz identidades escolares por meio de classificações, normas e expectativas que orientam comportamentos e atribuem valor simbólico às condutas dos alunos (FISCHER, 2020; HOOK, 2001).

Ao adotar a Análise do Discurso de orientação foucaultiana como referência teórica, compreende-se que o discurso é uma prática que articula saber e poder, produzindo efeitos de verdade e subjetivação. Foucault argumenta que, na modernidade, a educação passou a operar como uma tecnologia de poder voltada à formação de corpos úteis e dóceis, integrando o aparato disciplinar que controla as condutas (FOUCAULT, 1999). Assim, os discursos escolares não apenas refletem o mundo, mas instituem normas, classificações e modos de subjetivação historicamente situados. Na escola, esses discursos se concretizam em avaliações, relatórios e interações cotidianas que atribuem sentidos e posições aos estudantes (COSTA, 2019; JANSEN, 2008).

Com base nesse referencial, o presente artigo analisa os efeitos da linguagem pedagógica na constituição de sujeitos escolares, com foco nas categorias como “aluno obediente”, “desviante” ou “crítico”. Parte-se do pressuposto de que tais posições identitárias são efeitos de práticas discursivas que se articulam a dispositivos de vigilância e de normalização. Como explica Orlandi (2007), o sujeito é atravessado por sentidos que o antecedem e o posicionam, sendo produto das formações discursivas em que se inscreve. Isso significa compreender a identidade estudantil como algo construído no embate entre a norma e a diferença, entre o reconhecimento e o silenciamento (LIMA et al., 2024; ÖNER, 2016).

6180

O artigo organiza-se da seguinte forma: a seção seguinte apresenta os procedimentos metodológicos adotados na construção da revisão bibliográfica; em seguida, são desenvolvidos os fundamentos teóricos sobre linguagem, discurso e sujeito; na sequência, discutem-se os efeitos da linguagem pedagógica na produção de identidades escolares e as categorias subjetivas que dela resultam; por fim, são apresentadas as considerações finais e sugestões de investigações futuras que possam ampliar o escopo analítico proposto.

MÉTODOS

Esta pesquisa configura-se como uma revisão bibliográfica de natureza qualitativa, fundamentada nos princípios da Análise do Discurso e nos aportes teóricos da filosofia da linguagem, com ênfase nas contribuições foucaultianas. Essa abordagem se justifica pela

intenção de compreender como os discursos pedagógicos, para além de instrumentos comunicacionais, atuam como práticas de poder que produzem sujeitos, organizam sentidos e moldam identidades escolares.

A seleção das referências que compõem o corpus teórico foi orientada por critérios de relevância conceitual, temporal e pertinência temática. Foram consideradas produções publicadas entre 2000 e 2024, visando contemplar tanto as formulações fundadoras quanto os desdobramentos contemporâneos sobre linguagem, discurso, subjetividade e escola. A busca foi realizada entre fevereiro e março de 2025, nas bases SciELO, ERIC e Google Scholar, além de acervos institucionais. Os descritores utilizados incluíram: 'linguagem pedagógica', 'discurso e educação', 'assujeitamento', 'identidade estudantil' e 'Foucault e escola'. Os critérios de inclusão envolveram:

- Obras com fundamentação teórica densa;
- textos com aplicabilidade no contexto da educação básica;
- autores reconhecidos no campo da análise do discurso e da educação.

Foram excluídas publicações essencialmente técnicas ou empíricas que não dialogassem diretamente com os eixos conceituais centrais do estudo.

O corpus final foi composto por 17 obras que dialogam diretamente com os objetivos da pesquisa. As análises foram organizadas em torno de três eixos temáticos: 6181

- discurso, linguagem e constituição do sujeito;
- práticas discursivas e efeitos de normalização na escola;
- categorias identitárias produzidas no espaço escolar.

A abordagem interpretativa privilegiou a leitura crítica dos textos selecionados, entendendo-os como práticas discursivas situadas, carregadas de historicidade, ideologia e condições de produção específicas. A análise buscou evidenciar os modos pelos quais a linguagem pedagógica institui lugares de fala, reconhecimento e exclusão para os sujeitos escolares, contribuindo para a compreensão das lógicas de poder que atravessam a formação das identidades estudantis.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: DISCURSO, LINGUAGEM E SUJEITO

A constituição do sujeito escolar, sob a perspectiva da Análise do Discurso, pressupõe compreender a linguagem como prática histórica, social e ideológica. Segundo Foucault (1999), o discurso não é um mero veículo de ideias, mas uma prática que produz saber, regula o que

pode ser dito e institui regimes de verdade. Na escola, essa dimensão se expressa por meio de mecanismos sutis de normalização e controle, em que a linguagem pedagógica funciona como instrumento disciplinador e classificatório (COUSINS; HUSSAIN, 2016; HOOK, 2001).

Fischer (2020) aponta que o espaço escolar constitui um dos principais dispositivos de subjetivação da modernidade, agindo não apenas como transmissor de conteúdos, mas como ambiente estruturante das relações de poder. Os discursos que circulam nesse espaço atribuem sentidos aos sujeitos, definem o que é ser um “bom aluno” e impõem normas de conduta e saber. Orlandi (2007), ao discutir a constituição do sujeito, destaca que o indivíduo não é autônomo frente à linguagem, mas atravessado por formações discursivas que o posicionam historicamente. Nesse sentido, o aluno é construído discursivamente como obediente, disciplinado, rebelde, desinteressado ou crítico.

O papel das práticas discursivas institucionais também é enfatizado por Costa (2019) e Moraes (2016), que compreendem a linguagem pedagógica como tecnologia de poder que regula o campo do dizível e organiza modos de existência no espaço escolar. Ao nomear, avaliar, punir ou premiar, os discursos pedagógicos não apenas informam, mas moldam identidades e consolidam expectativas. Lima et al. (2024) argumentam que a escola atua como lugar de legitimação simbólica, produzindo distinções entre sujeitos considerados “ajustados” e aqueles “à margem”.

6182

Contudo, os discursos também são campos de disputa. Como indicam Gee e Handford (2012), a linguagem oferece possibilidades de resistência, apropriação e reconfiguração. A identidade não é uma essência, mas uma construção discursiva situada, constantemente tensionada pelas práticas pedagógicas e pela experiência escolar vivida. Yang (2023) reforça que os sujeitos não estão inteiramente submetidos às formações hegemônicas: há fissuras e deslocamentos possíveis nos modos de subjetivação. Assim, a fundamentação teórica adotada neste estudo reconhece a linguagem como campo de forças, e o discurso pedagógico como ferramenta constitutiva de identidades, posições e pertencimentos no contexto escolar.

LINGUAGEM PEDAGÓGICA E PRODUÇÃO DE IDENTIDADES ESCOLARES

A linguagem pedagógica, entendida como prática discursiva legitimada institucionalmente, constitui um mecanismo central de produção de identidades escolares. Ao nomear, classificar e avaliar, ela atua sobre os sujeitos, posicionando-os dentro de categorias simbólicas como 'bom aluno', 'aluno problema', 'exemplar', 'passivo', entre outras. Essas

categorias são naturalizadas nas rotinas escolares e sustentam um sistema simbólico que regula comportamentos e distribui prestígios ou estigmas (ORLANDI, 2007; COSTA, 2019).

Fischer (2020) argumenta que as práticas discursivas escolares constroem identidades ao definirem, cotidianamente, o que deve ser valorizado, tolerado ou corrigido. Assim, a linguagem pedagógica opera como tecnologia de poder ao mobilizar regras, normas e expectativas que, ao serem reiteradas, configuram verdades institucionais. Essas verdades orientam tanto a ação docente quanto a maneira como os próprios estudantes se percebem e se comportam. Conforme Morais (2016), o discurso escolar funciona como dispositivo de inclusão e exclusão simbólica, legitimando apenas certas formas de presença e participação.

Exemplos disso podem ser observados em documentos institucionais como regimentos e planejamentos. Enunciados como “o aluno deverá manter conduta exemplar” carregam valores normativos implícitos que associam bom desempenho à obediência e ao silêncio. Richard (2024) destaca que tais dispositivos reforçam a lógica de disciplinamento e controle, ao naturalizar modelos ideais de conduta e punir formas de expressão dissidentes. Lima et al. (2024) também observam que essas práticas discursivas contribuem para a produção de subjetividades subordinadas e para o silenciamento da diferença.

Contudo, a linguagem também pode operar como espaço de resistência. Como apontam Gee e Handford (2012), os discursos não são unívocos nem isentos de disputa. Eles podem ser apropriados de forma crítica e reinterpretados pelos sujeitos escolares, abrindo fissuras nas práticas hegemônicas. Yang (2023) observa que essas reapropriações são movimentos importantes de reconfiguração identitária, especialmente quando sustentadas por propostas pedagógicas que valorizam a escuta, o diálogo e a diversidade.

Dessa forma, a linguagem pedagógica deve ser compreendida como um campo de forças onde se cruzam processos de normalização e resistência. Identificar os efeitos simbólicos dos discursos escolares é fundamental para repensar práticas pedagógicas que contribuam para o reconhecimento de subjetividades múltiplas, promovendo espaços mais inclusivos, críticos e emancipatórios.

PRODUÇÃO DISCURSIVA DE CATEGORIAS DE SUJEITO ESCOLAR

As práticas discursivas que operam na escola produzem diferentes posições de sujeito. A linguagem pedagógica, ao nomear e classificar os alunos, cria categorias identitárias que impactam a forma como esses sujeitos são percebidos e como se percebem. Essas categorias não

são fixas nem naturais, mas efeitos de discursos que circulam institucionalmente e moldam subjetividades (COUSINS; HUSSAIN, 2016; HOOK, 2001).

A categoria do aluno obediente é produzida a partir de discursos que valorizam a adequação, a repetição e o silêncio. Trata-se de um sujeito que incorpora a norma e se ajusta às expectativas escolares, sendo recompensado simbolicamente por seu comportamento. Conforme Foucault (1999), a escola funciona como tecnologia disciplinar, produzindo corpos dóceis por meio da vigilância e da regulação das condutas. O discurso que sustenta essa figura reforça a ideia de que o bom aluno é aquele que não questiona, mas reproduz (FISCHER, 2020).

Por outro lado, o aluno desviante é aquele que escapa às normas estabelecidas. Frequentemente, sua diferença é patologizada ou enquadrada como disfunção. Morais (2016) e Lima et al. (2024) mostram que a escola, ao operar com critérios rígidos de avaliação e conduta, tende a interpretar comportamentos alternativos como inadequações. Isso legitima práticas de exclusão simbólica e reforça estigmas, promovendo encaminhamentos que desconsideram o contexto social e subjetivo dos estudantes.

Já o aluno crítico emerge em contextos onde a linguagem pedagógica é mobilizada de forma reflexiva e democrática. Essa identidade é construída quando há abertura para o diálogo, a problematização e a construção coletiva do conhecimento. Vitorini, Biscalchin e Caspar (2014) defendem que o discurso crítico favorece a emergência de sujeitos que não apenas assimilam os sentidos escolares, mas os tensionam. Gee e Handford (2012) acrescentam que a linguagem, ao ser apropriada de modo ativo, pode ser instrumento de contestação e reconfiguração subjetiva.

6184

É importante ressaltar que essas categorias não são fixas. Os sujeitos circulam entre elas, resistem a elas ou as resignificam, conforme os discursos que encontram, as relações que estabelecem e os contextos em que atuam. Yang (2023) reforça que a identidade é performativa e relacional, sendo continuamente construída e negociada. Assim, compreender as categorias escolares como efeitos do discurso é fundamental para repensar práticas pedagógicas que escapem da reprodução de estigmas e ampliem as possibilidades de reconhecimento e pertencimento no ambiente escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou analisar como a linguagem pedagógica atua na constituição de sujeitos escolares, considerando seus efeitos na produção de identidades como o aluno obediente, o desviante e o crítico. A partir dos aportes teóricos da Análise do Discurso,

especialmente sob influência foucaultiana, compreendeu-se que os discursos pedagógicos não são neutros, mas funcionam como dispositivos de poder que organizam saberes, regulam condutas e moldam subjetividades no espaço escolar. A linguagem, nesse sentido, revela-se como prática central na normalização de comportamentos e na distribuição simbólica de legitimidade ou exclusão. As formas como a escola nomeia, avalia e posiciona seus alunos influenciam diretamente os modos como esses sujeitos se constituem. Categorias como a do aluno exemplar ou problemático não emergem espontaneamente, mas são efeitos de discursos que sustentam valores normativos, expectativas institucionais e relações de poder que se atualizam nas práticas cotidianas (FISCHER, 2020; ORLANDI, 2007). Contudo, a análise também indicou que a linguagem pode ser mobilizada como espaço de resistência. A emergência de sujeitos críticos, capazes de tensionar as lógicas disciplinares e de ressignificar suas experiências escolares, aponta para a possibilidade de práticas pedagógicas transformadoras. Tais práticas, fundadas na escuta, no diálogo e no reconhecimento da diversidade, permitem que a escola se configure como um espaço de produção de subjetividades autônomas e politicamente engajadas (GEE; HANDFORD, 2012; YANG, 2023). Como limitação, reconhece-se que a natureza exclusivamente teórica desta revisão impõe restrições à observação de como os discursos operam em contextos escolares concretos. Dessa forma, propõe-se como agenda de pesquisa futura a realização de estudos empíricos que analisem documentos institucionais, interações docentes e discursos avaliativos, com vistas a mapear práticas de subjetivação escolar em diferentes redes e territórios. Tais investigações podem aprofundar a compreensão dos efeitos da linguagem pedagógica na constituição de identidades e subsidiar a construção de políticas e práticas educativas mais inclusivas, reflexivas e justas.

REFERÊNCIAS

- BUTTURI JUNIOR, Atilio; SEVERO, Cristine Gorski. Prefaciais: **Foucault e as linguagens**. Políticas Linguísticas, 2019.
- CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- COSTA, Antonio Roberto Faustino da. **Escavando o território da análise de discurso**. Industrialização do ensino e política de educação a distância. Campinas: Autores Associados, 2019. p. 79-99.
- COUSINS, Mark; HUSSAIN, Athar. **Foucault and discourse**. [S. l.]: Void Network, 2016.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Foucault e a análise do discurso em educação**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 50, n. 175, p. 420–437, 2020.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhete. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1999. ISBN 85-326-0508-7.

GEE, James Paul; HANDFORD, Michael (ed.). **The Routledge handbook of discourse analysis**. London: Routledge, 2012.

HOOK, Derek. **Discourse, knowledge, materiality, history: Foucault and discourse analysis**. Theory & Psychology, London, v. 11, n. 4, p. 521–547, 2001.

JANSEN, H. I. **Discourse analysis and Foucault's Archaeology of knowledge**. International Journal of Caring Sciences, v. 1, n. 3, p. 23–30, 2008.

LIMA, A. A. de et al. **Discurso, sujeito e enunciado: implicações teóricas sobre a análise do discurso a partir das perspectivas de Foucault**. Revista Caderno Pedagógico, v. 9, p. e8287, 2024.

MARQUES, Welisson; PEREIRA, Otaviano José. **Sujeito e identidade na análise do discurso**. Research, Society and Development, v. 9, n. 9, p. e1176, 2020.

MORAIS, C. de Faria. **Linguagem enquanto discurso conforme Michel Foucault: uma revisão de literatura**. Dialnet, 2016.

ÖNER, Senem. **Foucault's analysis of subjectivity and the question of philosophizing with words or things**. International Journal of Human Sciences, v. 13, n. 1, 2016.

6186

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A questão do assujeitamento: um caso de determinação histórica**. ComCiência, n. 10, jul. 2007.

RICHARD, L. **Poder pastoral, descuido soberano e as divisões sociais do trabalho de cuidado ou: o que Foucault pode nos ensinar sobre a “crise do cuidado”**. Foucault Studies, n. 36, p. 322–349, 2024.

VITORINI, Érica Fernanda; BISCALCHIN, Ricardo; CASPAR, Nair Rios. **O sujeito do discurso em Chaplin: uma possibilidade de análise fílmica na ciência da informação**. In: BISCALCHIN, Ricardo; VITORINI, Érica Fernanda; CASPAR, Nair Rios (org.). A imagem em Ciência da Informação: reflexões teóricas e experiências práticas. [S. l.]: Faculdade de Filosofia e Ciências, 2014. p. 75–92.

YANG, Zhiyi. **A longitudinal examination of Foucault's theory of discourse**. Eurasian Journal of Applied Linguistics, v. 9, n. 2, 2023. DOI: <https://doi.org/10.32601/ejal.901014>.